

# Sussurros evanescentes de uma mente conturbada

Charlie Varotto

Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## resumo

Normal

Alucinação

Dois poemas sobre morte

Retorno ao vazio

Insaciável

A luz da devoção

Caixa das lembranças

Entre os Lamentos, um Obrigado

Pecador imundo

Realidade

Reflexos de um caos interno

Ícaro

A alegoria da culpa

O fim dos tempos

O leito de morte dos vivos

## Normal

Eu sempre vejo as pessoas querendo ser diferente

Diferente como?

Diferente das outras

Diferente do mundo

Mas eu sempre quis ser normal

Eu sempre quis ter meu lugar no mundo

Que balançasse uma árvore

E 5 iguais a mim caíssem dela

Mas eu não sou

Ou quem sabe eu seja

Quem sabe meu anseio pelo normal na verdade seja a busca pelo diferente

Talvez eu esteja buscando ser normal porque é diferente

Diferente como?

Diferente do que as outras pessoas buscam

É, no final

É tudo igual

## Alucinação

Eu vejo coisas

Que tipo de coisas?

Do tipo que não existem

Eu vejo um gato no telhado de uma casa hipotética

Eu vejo o sorvete na mão de um menino que não saiu de casa

Eu vejo a mim mesmo

Puxando o freio de mão do carro dos meus pais no meio da BR

Enquanto estamos em uma viagem em família

Tudo estava bem e a música tocava

E eu puxei o freio

Uma carreta bateu na traseira logo em seguida

Eu vejo tudo em câmera lenta

As tripas e ossos expostos

Mas nada machuca

Sabe o por quê?

Porque não é real

Nada é real

Nada nunca é real

Eu não sei mais diferenciar a realidade dos meus pensamentos

Eles não tem pé nem cabeça

Talvez seja eu mesmo quem não tenha pé nem cabeça afinal

## Dois poemas sobre morte

### Tanatofobia

A morte sempre me seduziu  
Com sua capa preta como a noite e olhos frios  
A foice brilhando no luar

Mas só de pensar em meu corpo gelado a sete palmos  
No espasmo depois do último suspiro  
No grito do enforcado ecoando na sala  
Tenho calafrios

Entro em pânico só de pensar nela  
Se estou na rua  
Penso comigo que um carro vai me atropelar  
Independente se estou na calçada

Sempre que alguém próximo morre  
Acendo uma vela por sua alma  
Mas acho que deveria acender pela minha também  
O medo estilhaçou tanto minha pobre alma torturada  
Que não creio mais ser portador da vida que outrora possuí

Pois quem pensa na morte todo tempo  
Esquece do ofício vital

### Eu não quero que a luz se apague

Tenho medo do escuro  
Sempre tive

As pessoas dizem que é um medo bobo  
Que a escuridão é inevitável

Que uma hora ela vai me achar

Mas eu não quero

Carrego uma lanterna comigo

Evito sair de noite

Durmo com a lâmpada acesa

Faço de tudo

Mas eu sei

No fundo eu sei

Que a luz vai me deixar

## Retorno ao vazio

Eu não sinto sua falta  
Mas ainda sinto meu coração apertar ao ler seu nome  
Ainda me sinto triste com tudo o que passou

Me pergunto o que seria se você tivesse ficado  
Mas eu não sinto sua falta  
O vazio do meu coração  
É mais confortável que o falso amor que tu me deste

Prefiro o coração partido em minha posse  
Do que inteiro nas suas mãos  
Você me disse que me daria o mundo  
Mas não me deu nem a si mesmo

Pois meu mundo era você  
Mas não é mais, afinal  
Eu não sinto sua falta

## Insaciável

Senhor Mariposo acabara de se casar  
Após a lua de mel, Mariposo olha para seu marido e diz  
"Dê-me o seu olho"  
E sem contestar, o marido arranca o próprio olho  
E entrega ao amado

Mariposo o mastiga lentamente e engole  
No dia seguinte, mariposo olha para seu marido e diz  
"Dê-me o outro olho"  
O marido arranca novamente e entrega

Mas dessa vez, Mariposo não gostou  
"Não é suficiente, dê-me a orelha"  
E o marido não contestou, arrancou a orelha e lhe deu

E dia após dia era a mesma rotina  
"Dê-me a outra orelha"  
"Não é suficiente, dê-me o fígado"  
"Não é suficiente, dê-me o coração"

A cada dia, um membro ou órgão era adicionado a conta  
Ele era assim, insaciável, nada era suficiente para preencher  
No último dia, Mariposo nem sequer olha para seu marido  
Mas diz

"Dê-me...a sua alma"  
Mas o marido não respondeu  
Não sobrara nada dele que pudesse responder



## A luz da devoção

Toda noite, Acácia acende seu lampião  
Ela passa horas contando seus pensamentos para a chama  
Quando ela fala de suas paixões a luz cintila cada vez mais  
Mas não brilha tanto quanto os olhos de Acácia

O fogo dança dentro do candeeiro  
Depois de algumas horas de prosa  
Ela apaga a lumieira e vai se deitar

Mas a faísca restante ainda fulge  
Pensando no que poderia ser  
Se ela deixasse a luz acesa

## Caixa das lembranças

Era uma caixa comum  
Nada de especial

Se não fosse pelo seu uso  
Gatos se deitam nela e brincam  
Cada gato que passa deixa um tufo de pelo  
E vai-se embora

Um dia essa caixa estará repleta de pelos  
Será apenas um reflexo  
Um depósito  
Do lixo pertencente a seus velhos amantes

## Entre os Lamentos, um Obrigado

Obrigado por tudo

Se não fosse por você

Talvez eu me sentisse suficiente

Se não fosse por você

Talvez eu não pensasse tão pouco de mim

Não quero ser o fantasma

De alguém que você um dia amou

"Eu nunca vou te esquecer"

Foi o que ele me disse hoje

Pois eu espero não lembrar nem seu nome amanhã

## Pecador imundo

A sujeira dos meus pensamentos transpassa meus atos  
Sinto uma sede insaciável pelo que não é meu  
Meus pecados me corroem como vermes  
Vermes se alimentando de mim de dentro pra fora

A dor da corrosão não dói tanto  
Quanto saber o quão ruim eu sou  
Talvez eu seja pior que aqueles que me machucaram

E ainda com a minha confissão  
Não consigo parar de pensar em mim  
Como EU sou ruim  
Como EU me sinto com isso

Egoísmo que me controla como um parasita  
Eu sequer mereço perdão?  
Não sou nenhum coitado

Não tenham pena de mim  
Eu não quero seu pesar  
Só quero paz dentro da minha própria mente

## Realidade

O que é a realidade?

Se não o que fazemos dela

Ou o que não fazemos

Se esse for o caso

Realidade

Onde está você?

Gostaria de voltar para ela se for possível

Sinto tudo girar

Sinto-me no piloto automático

Sinto vontade de vomitar

Mas como?

Se nada é real, como vomitaria?

Ah a amarga dúvida da existência

Que não me deixa existir em paz

## Reflexos de um caos interno

Minha mente é minha ruína  
Eu penso coisas que não deveria  
Coisas que não quero pensar

É como a tentação do diabo no deserto  
Mas o diabo sou eu mesmo  
Um alter ego que é antagonista a mim

Sou um homem de várias mentes em uma cabeça só  
E nenhuma delas concorda entre si  
Brigo comigo mesmo  
Ganhando e perdendo ao mesmo tempo

Me pergunto o que aconteceria se eu deixasse acontecer  
Se seguisse meus pensamentos  
Desfragmentasse minha alma em uma só

Será que a perversidade do meu ser  
Seria tão horrível como eu assim pensava?  
Talvez o sangue que escorre em meus pensamentos  
Seja tão doce quanto o fruto proibido

Mas não quero que essas questões sejam respondidas.  
A luz do imaginário, hipotético  
É incomparável ao o caos da realidade

## Ícaro

Mais uma madrugada em claro  
Os olhos ardem implorando para serem fechados  
Mas não posso parar  
Não agora  
E se eu for o sol que não nascerá amanhã?

Não fui ninguém  
Ajo como um viciado  
Preciso chegar ao topo  
Mas por quê?  
E se tudo for em vão?

Estou acabando com a morada da minha alma sem propósito  
Talvez eu seja uma farsa  
Fingindo que me importo com toda essa pataquada  
Mas na verdade só quero amaciar meu ego  
Faço por amor aos elogios, e não ao conhecimento

Quero tanto tocar o sol  
Mas não tenho o que é preciso  
Para aguentar a queda.

## A alegoria da culpa

Se o papel pudesse expressar a dúvida que senti ao escrever isso,  
Provavelmente teria ficado em branco por muito tempo  
Mas irei deixar minha hesitação de lado por um momento  
E vomitar as palavras entaladas em meu ser

Sou a sombra, a luz e a vítima da minha própria caverna platônica  
Chame de egocentrismo ou de insegurança  
Mas a delirante ideia que tudo me envolve  
Parte o meu cérebro já fragmentado

Vou afundando na areia movediça dos meus pensamentos  
Areia em um poço que cavei com minhas próprias mãos  
Tantos outros com poços mais fundos

Talvez eu devesse parar de reclamar tanto  
Aquele que se deita sobre a cama de pregos  
Deve ter o direito de chorar de dor?



## O fim dos tempos

Grãos de areia escorrem no vidro da ampulheta  
"Carpe diem" dizem eles  
Mas como viver o momento  
Sem pensar no final de amanhã?

As flores estão desabrochando nos polos  
O tempo está começando a ficar cansado de correr  
Ou será que está correndo rápido demais?  
E onde ele quer chegar?

A areia está acabando  
E eu ainda não fiz nada  
Tenho muita pressa  
Se ao menos eu tivesse mais algumas décadas

Acho que nem a eternidade seria suficiente  
Minha mente implora por uma satisfação  
Que nunca chegará nas suas expectativas  
Estou perdendo uma corrida que estou competindo sozinho

Eu tenho a vida toda pela frente  
Mas quanto tempo é isso?  
Todos querem viver seus dias como se fossem os últimos  
Mas ninguém quer descobrir quando é seu último dia

## O leito de morte dos vivos

Me indago se outras pessoas  
Temem o anjo da morte tanto quanto eu  
Alguém se importaria com meu último suspiro?

Meus familiares, meus amigos, todos seguirão em frente  
E eventualmente não restará nada além de pó enterrado  
Em uma tumba abandonada  
Cercada por musgo  
Enquanto meu esqueleto apodrece em solidão

E eu não os culpo  
Culpo a mim mesmo  
O que eu deixei de memorável para trás?  
Nada além de lamentos apaixonados  
De amores nunca conquistados

Sou apenas um estorvo no qual se verá livre  
Abutres rondam o meu corpo quase cadavérico  
Vamos, meus queridos, acabem com meu sofrimento  
Comam minha carne que não fez nada de útil

Então, ó querido leitor  
Faça algo em vida  
Deixe seu legado

Para que depois do fim  
Reste algo que valha a pena ser lembrado